

A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE DA UFRGS NA PRODUÇÃO, GUARDA E DIVULGAÇÃO DE ACERVOS ESPORTIVOS

THE EXPERIENCE OF THE CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE OF UFRGS IN THE CREATION, STORAGE AND DISSEMINATION OF SPORTS COLLECTIONS

SILVANA VILODRE GOELLNER | Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenadora do Centro de Memória do Esporte (Ceme/UFRGS). Bolsista de Produtividade do CNPq.

RESUMO

Este texto tem como objetivo descrever a experiência do Centro de Memória do Esporte, da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no que tange à produção, à guarda e à divulgação de acervos esportivos. Para tanto, desenvolve-se uma pequena caracterização deste lugar de memória, conferindo destaque às ações de produção de fontes, saberes e tecnologias.

Palavras-chave: memória; esporte; Centro de Memória do Esporte; história do esporte.

ABSTRACT

This paper aims to describe the experience of the Centro de Memória do Esporte of the Escola de Educação Física of the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), in regards to the creation, storage and dissemination of sports collections. To do so, a short characterization of this place of memory is provided, with emphasis on actions related to the creation of sources, knowledges and technologies.

Keywords: memory; sports; university; Centro de Memória do Esporte; history of sport.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo describir la experiencia del Centro de Memória do Esporte, de la Escola de Educação Física de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), en relación con la producción, con el almacenamiento y con la difusión de colecciones deportivas. Para ello, se desarrolla una breve caracterización de este lugar de memoria, haciendo especial hincapié en las acciones de producción de fuentes, conocimientos y tecnologías.

Palabras clave: memoria; deporte; Centro de Memória do Esporte; historia del deporte.

Considerado um fenômeno de grande significação na cultura contemporânea, o esporte em suas mais diferentes manifestações vem ocupando espaços destinados à preservação da memória, como museus, arquivos e centros de documentação. Em várias regiões do Brasil é possível identificar, desde meados do século XX, manifestações isoladas de pessoas que, movidas pela sua sensibilidade e razão, buscaram reunir acervos específicos na tentativa de evitar o seu desaparecimento, criando, inclusive, estratégias e metodologias próprias para guardar documentos de natureza diversa.

Além desses acervos, vários clubes e associações esportivas implementaram iniciativas direcionadas à guarda de registros reveladores de sua trajetória, de modo a dar visibilidade à história da instituição (Morin, 1969 apud Bosi, 2003). Tal preocupação também tem sido pauta de ações governamentais, cujos investimentos, ainda que precários, vêm possibilitando o surgimento de algumas ações voltadas para a recuperação e preservação da memória esportiva de caráter local, regional ou nacional.

Mais do que enumerar tais iniciativas, importa destacar que ações como estas inspiraram a criação de espaços destinados à preservação de acervos esportivos, despertando até mesmo o desejo de pesquisá-los, o que se intensificou no Brasil a partir da década de 1980, quando entrou em voga um movimento de “renovação historiográfica”¹ no campo da educação física e do esporte. Decorre desse movimento a ampliação da “noção de fonte, o que, por sua vez, demandou outros olhares sobre os modos de produzi-las, inventariá-las, guardá-las e dar-lhes visibilidade e acessibilidade” (Goellner, 2013, p. 189).

Tal cenário originou, nas instituições universitárias, a estruturação de ações sistemáticas de recuperação e preservação de fontes históricas, como a criação de grupos de pesquisa, linhas de investigação nos programas de pós-graduação e a realização de eventos específicos, com destaque para o Encontro Nacional de História da Educação Física e Esporte.²

Essas realizações, além das discussões que proporcionaram, da troca entre os estudiosos pesquisadores e do fortalecimento do diálogo com outras áreas do conhecimento, demandaram ações voltadas para a produção de inventários e para a identificação de acervos esportivos, incluindo sua recolha e guarda. É nesse contexto que surgiram, em janeiro de 1997, o Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ceme/UFRGS), e, em 2001, o Centro de Memória Inezil Penna Marinho, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ceme/UFRJ), e o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, ligado à Universidade Federal de Minas Gerais (CEMEEF/UFMG), os quais consolidaram intervenções que serviram de inspiração para novos empreendimentos, sobretudo nas universidades públicas. Refiro-me ao Centro de Memória do Esporte no Nordeste (2002), ao Centro de Memória do Departamento de Educação Física

1 Sobre esse tema, recomendo a leitura do texto de Taborda de Oliveira (2007).

2 O primeiro encontro foi realizado na Universidade Estadual de Campinas no ano de 1996, tornando-se um evento itinerante. Apesar de algumas alterações em sua denominação, a priorização de pesquisas sobre história manteve-se desde sua proposição inicial. Em agosto de 2014, foi realizado em Londrina (Paraná) o XIII Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

da Universidade Federal do Paraná (2004), ao Centro de Memória do Esporte, da Educação Física e do Lazer da Universidade Federal de Sergipe (2005), ao Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (2010) e ao Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Universidade Federal do Mato Grosso (2013).

Em geral, define-se um centro de memória como um espaço que tem por finalidade recolher e preservar acervos documentais, arquivísticos e museológicos, incluindo ainda a função de comunicar, pois esta confere sentido ao que é preservado. Quando este centro se situa em uma universidade, um novo e significativo objetivo se interpõe: o de investigar, uma vez que “o processo de investigação amplia as possibilidades de comunicação do bem cultural e dá sentido à preservação. A pesquisa, compreendida como produção de conhecimento, pode *partir* do documento, mas pode também *chegar* a definir novos documentos” (Chagas, 2009, p. 39, grifos do autor). De outro modo, ao contemplar a investigação, considerando aquilo que nele se intenta preservar, o papel pedagógico de um centro de memória ou de documentação é fortemente adensado, pois permite uma maior articulação entre ações de formação, produção e divulgação de conhecimentos, cuja materialidade inscreve-se em suportes diversos.

A ênfase no caráter pedagógico desses centros parte do pressuposto de que não se caracterizam apenas como lugares de memória (Nora, 1993), mas também e principalmente como espaços nos quais se exercem pedagogias culturais. Tal asserção implica afirmar que há pedagogia em qualquer espaço “em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum” (Giroux; McLaren, 1995, p. 144).

Esse entendimento mobilizou a implantação do Ceme/UFRGS e tem guiado as atividades de organização e divulgação do seu acervo, de formação de pesquisadores, de produção do conhecimento e de desenvolvimento de ações direcionadas para o movimento de acesso livre à informação científica.

O CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E A PRODUÇÃO DE FONTES, SABERES E TECNOLOGIAS

O Centro de Memória do Esporte, pioneiro no campo, foi implementado com os objetivos de: a) reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Rio Grande do Sul e no Brasil; b) implementar a produção científica no campo da história e da memória das práticas corporais e esportivas; c) realizar exposições permanentes e itinerantes; d) oferecer oficinas para escolas e outras instituições públicas e privadas; e) dar acessibilidade a informações relacionadas à memória das práticas corporais e esportivas; f) organizar seminários, palestras e eventos temáticos; g) disponibilizar o acervo via recursos computacionais; h) produzir conhecimento a partir de pesquisas realizadas no acervo; i) organizar acervo oral composto por depoimentos de pessoas com contribuição para a estruturação do campo das práticas corporais e esportivas no Brasil; j) gestar informa-

ções sobre memórias das práticas corporais e esportivas no Brasil por meio do movimento de acesso livre à informação científica.

Esses objetivos foram formulados a partir da compreensão de que, como um lugar de memória, o Ceme/UFRGS é um espaço de produção cultural, pois é a partir da especificidade de seu acervo que são elaborados seus programas educativos, bem como sua política de documentação e informação. Seu acervo contempla mais de quarenta mil itens, identificados a partir de cinco formatos específicos: a) audiovisual, que comporta vídeos e materiais sonoros (filmes, *slides*, videoconferências); b) depoimentos, que reúne entrevistas realizadas pela equipe da instituição, assim como entrevistas de rádios, *jingles*, músicas; c) documental, com materiais diversos, como documentos oficiais, periódicos, correspondências, materiais pedagógicos e de divulgação, entre outros; d) iconográfico, composto por fotografias, desenhos, cartazes, pinturas, *banners*, adesivos; e) tridimensional, que agrega objetos como vestuários, medalhas, troféus, pastas, flâmulas, materiais esportivos, entre outros tantos.

Esse conjunto documental está distribuído em nove coleções, a saber:

1) *Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*: abriga registros relacionados à organização administrativa, política e pedagógica da instituição desde a sua fundação em 1940;

2) *Dança*: composta inicialmente pela aquisição de livros de João Luiz Rolla, um dos primeiros professores de dança no Rio Grande do Sul. Posteriormente, foi ampliada por meio da doação de materiais oriundos de pessoas, grupos, escolas e companhias de dança e suas diferentes manifestações;

3) *Recreação e lazer*: contém documentos doados pela família de Frederico Guilherme Gaelzer e sua filha, Lenea Gaelzer, os quais registram ações pioneiras relacionadas ao lazer, à recreação e a políticas públicas de esporte e lazer no Rio Grande do Sul e no Brasil;

4) *Olímpica*: compreende materiais relacionados aos esportes olímpicos e paraolímpicos, assim como aos Jogos Olímpicos de Inverno e Verão e aos Jogos Paraolímpicos. Foi impulsionada pela doação que o médico e colecionador esportivo Henrique Licht fez, em novembro de 2002, de 7.905 itens históricos, dentre eles a primeira medalha olímpica conquistada pelo Brasil em 1920. Grande parte dessa coleção é composta por medalhas, broches, *pins*, flâmulas, uniformes e suvenires em geral;

5) *Educação física e esportes*: coleção que originou a criação do Ceme e inclui itens relacionados às práticas esportivas no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo, considerando o esporte em suas diferentes manifestações. Reúne ainda documentação histórica referente ao campo acadêmico-profissional da educação física;

6) *Universiade 1963*: agrega documentos, fotografias, vídeos e artefatos relacionados aos Jogos Mundiais Universitários que aconteceram em Porto Alegre, em 1963;

7) *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*: contém documentação desta sociedade científica que, em 2003, transferiu para o Ceme o seu acervo histórico com o objetivo de preservá-lo, bem como facilitar as condições de acessibilidade aos seus diversos registros;

8) *Movimento de estudantes de educação física*: dispõe de uma série de documentos, fotografias e artefatos relacionados ao movimento estudantil da educação física brasileira desde a sua fundação, na década de 1950. A criação dessa coleção resulta da transferência de tal acervo, que inicialmente estava sob a tutela da Universidade Federal do Espírito Santo. Comporta registros sobre a organização administrativa, ações políticas, manifestações públicas, eventos e outras intervenções empreendidas pelos estudantes de educação física;

9) *Programa Segundo Tempo*: coleção que se origina de uma demanda do Ministério do Esporte ao estabelecer uma parceria com o Ceme/UFRGS para preservar o acervo de um de seus programas sociais de esporte e lazer, intitulado Programa Segundo Tempo (PST), vinculado à Secretaria Nacional de Esporte Educacional.

Considerando a diversidade de seu acervo, o Centro de Memória do Esporte mantém relações com três tipos de instituições que atuam com a produção e a preservação de fontes históricas: museus, arquivos e bibliotecas. A característica museológica incorpora-se devido à natureza de alguns objetos que preserva, fundamentalmente aqueles reconhecidos como tridimensionais (vestuário, medalhas, troféus, entre outros), os quais possibilitam a organização de exposições consideradas aqui como estratégias para ampliar a acessibilidade de seu acervo ao público não acadêmico. Por essa razão, desde a sua criação o Ceme já realizou 42 exposições, dando visibilidade às suas nove coleções, seja na sua sede, seja em outros locais de Porto Alegre ou em outras cidades do Brasil. A materialização dessa ação parte do seguinte entendimento:

A característica mais importante de uma exposição museológica é que ela facilita o encontro entre o visitante e o objeto tridimensional. Somente a exposição fornece um contato controlado com um objeto autêntico, e ela pode realizar isto de maneira segura tanto para o objeto – em termos de segurança e conservação – quanto para o visitante. Para isso, o museu pode utilizar-se de vários modos de exposição: exposições permanentes, exposições temporárias, comemorativas, circulantes, ‘portáteis’ – que vão e voltam com o objetivo de atrair visitantes e promover o museu –, exposições móveis – sem lugar fixo – e exposições ‘emprestadas’ (Silva, 2002, p. 1).

Afetar o visitante, uma das funções de uma exposição, tem requerido da equipe que atua no Ceme ações interdisciplinares, especialmente com instituições museológicas, na medida em que organizar o modo de apresentar objetos ao público pressupõe conhecimentos que envolvem dados aprofundados sobre aquilo que é exposto, assim como informações relacionadas à própria estética da exibição. Vale destacar que o Ceme integra a Rede de Museus e Acervos Museológicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Sistema Estadual de

Museus do Estado do Rio Grande do Sul, instituições que têm possibilitado trocas e diálogos fecundos em relação a esse modo de produzir e visibilizar os acervos esportivos.

Além do trabalho sistemático de recolha, higienização, identificação e catalogação de acervo esportivo, considero relevante destacar duas experiências implementadas pelo Centro de Memória do Esporte no que respeita à produção de fontes, saberes e tecnologias.

GARIMPANDO MEMÓRIAS: A HISTÓRIA ORAL E A PRODUÇÃO DE FONTES

Além do trabalho de natureza museal e arquivística, o Ceme/UFRGS desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão que, em grande medida, estão direcionadas para a produção e a divulgação de fontes históricas. Com relação à produção de fontes, merece destaque o projeto Garimpando Memórias,³ que se efetiva por meio da realização de entrevistas, as quais são transformadas em documento escrito e disponibilizadas para consulta. Fundamentado no aporte teórico-metodológico da história oral, o projeto está direcionado para a coleta de depoimentos de pessoas que atuaram e atuam na estruturação e na legitimação das práticas corporais e esportivas.⁴ Desenvolvido desde 2004, tem como objetivo valorizar a oralidade, reconhecendo sua importância como fonte histórica e sua pertinência aos estudos que dialogam com a memória, aqui entendida como

[...] uma produção do passado sob a luz da experiência vivida, das emoções, da subjetividade e parcialidade explícitas, que é constantemente reelaborada e transformada de acordo com questões do presente. Já a história é uma construção crítica sobre o passado, um relato produzido a partir de métodos definidos. As fontes orais, logo, apresentam memórias, que devem ser trabalhadas pelos estudiosos a fim de produzirem histórias (Melo, 2013, p. 161).

A utilização de fontes orais consolida um dos modos de usar a memória na produção de fontes e de saberes, seja na criação dos registros, seja na construção narrativa que se faz a partir da utilização dos registros produzidos.

No que se refere à história oral, considero necessário apontar que, desde meados do século XX, vários autores a utilizam de diferentes formas e em diferentes campos disciplinares, na produção de textos tanto científicos quanto literários (Thompson, 1992; Ferreira; Amado, 1996). No caso específico do Garimpando Memórias, tomamos como referência inicial o trabalho desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil (CPDOC), compreendendo a história oral como

3 Aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2.007.710, em outubro de 2007. Apoiado pelo CNPq e pelo Ministério do Esporte.

4 As entrevistas podem ser acessadas na coleção Depoimentos do Repositório Digital, localizado em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40502>>, e também no portal do Ceme/UFRGS, disponível em <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>>.

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar deste objeto de estudo. Como consequência, o método de história oral produz fontes de consulta (entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (Alberti, 1989, p. 1-2).

A partir dessa ancoragem, operamos com a entrevista compreendendo-a como um registro de memória e, conseqüentemente, como uma forma de produção de fontes a enriquecer o acervo do Ceme, visto que seu processamento articula pesquisa e documentação. Além de o próprio depoimento se constituir como uma fonte primária, a experiência de dez anos de realização do projeto já demonstrou que o contato com os entrevistados tornou-se ainda um modo bem-sucedido de ampliação do acervo, sobretudo iconográfico e documental. Ao rememorem aspectos relacionados à sua vida pública, muitas pessoas demonstram interesse em doar materiais ao Ceme/UFRGS, por entender que a instituição preservará aquilo que talvez seus amigos e familiares não demonstrem interesse ou cuidado.

Considero relevante destacar que o projeto Garimpando Memórias e as pesquisas que dele derivam partem do entendimento de que a memória revela, simultaneamente, lembranças coletivas e interpretações particularizadas. Com isso, afirmo que operamos com a memória, entendendo-a como a reconstrução de um tempo que já passou, o que implica dizer que, ao ser acessada, há possibilidade de falhas, distorções, esquecimentos ou acréscimos. Em função dessa percepção, mostra-se pertinente, na etapa de processamento das entrevistas,⁵ a realização de pesquisas complementares àquilo que foi narrado, de modo a entrelaçar memória e história. Essa articulação, além de promover maior densidade ao documento produzido, tem possibilitado ainda que as memórias relatadas façam parte de exposições, seminários, oficinas, mostras fotográficas, produção de vídeos, enfim, atividades que visibilizam a memória como algo vivo a dizer de ontem e de hoje. Tem possibilitado, sobretudo, que narrativas não oficiais sejam registradas, uma vez que a história oral “permite ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas” (Pathai, 2010, p. 124).

Essa possibilidade tem orientado as ações do projeto Garimpando Memórias, que soma quase quinhentas entrevistas realizadas e mais de trezentas disponibilizadas no formato di-

5 O processamento das entrevistas envolve as seguintes etapas: transcrição, pesquisa, copidesque, devolução ao entrevistado, assinatura de carta de cessão de direitos autorais, catalogação no acervo e disponibilização para consulta.

gital, cumprindo assim com mais uma atuação do Ceme/UFRGS no que tange à produção de fontes, saberes e tecnologias, qual seja, o acesso livre à informação científica.

O REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

A criação, em 2011, do Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte,⁶ uma sub-comunidade do Lume – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,⁷ foi determinante para a adesão do Ceme ao movimento de acesso livre à informação científica. Por acesso livre, define-se a disponibilização gratuita na internet de literatura acadêmica ou científica, possibilitando a qualquer pessoa ler, fazer *download*, copiar, imprimir, pesquisar ou referenciar (*link*) o texto completo dos documentos (Rodrigues, 2005). Sua manifestação tem se dado a partir de diferentes iniciativas, tais como o uso de *software* livre, o *download* de arquivos de música, os *e-books* (livros eletrônicos), os repositórios digitais e os periódicos eletrônicos. Esse novo modelo se distingue “por consentir o acesso sem barreiras, sem a exigência do uso de senhas, licenças ou mesmo o pagamento de assinaturas para fazer a consulta nos sites ou nos exemplares” (Crespo; Correa, 2006, p. 2).

Para aderir ao movimento de acesso livre à informação científica, a primeira etapa teve como foco a digitalização de parte do acervo esportivo, em especial dos documentos que, em função de sua condição física, necessitavam de restrições à consulta e ao manuseio. Seguindo as recomendações do Conselho Nacional de Arquivos (2010), a conversão do documento original ao formato digital teve como propósito tanto a sua preservação quanto a sua disponibilização no Repositório Digital, ampliando assim sua acessibilidade.

Feito esse processo, foi estruturada a configuração do Repositório Digital a partir da utilização do DSpace, *software* compatível com o Protocolo de Arquivos Abertos (OAI), o qual permite que os documentos sejam facilmente coletados por provedores de serviços, por meio de metadados criados especificamente para facilitar buscas e acessos, tais como ano, autor, título, palavras-chave e acervos (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2012). Em decorrência da especificidade do acervo e da diversidade de suportes dos documentos que comporta, o Repositório apresenta as comunidades *Centro de Memória do Esporte* e *Programa Segundo Tempo*, e cada uma delas contempla cinco coleções: audiovisual, depoimentos, documental, iconográfica e tridimensional. A partir delas, o usuário, além de visualizar o documento e coletar informações específicas sobre ele, pode também fazer *download* para utilizá-lo em suas pesquisas e interesses.

Além do Repositório Digital, que já disponibiliza mais de dois mil itens, o Ceme/UFRGS mantém outras tecnologias de informação e documentação, dentre as quais destaco o portal na internet,⁸ ferramenta por meio da qual informa sobre o desenvolvimento de todas as suas

6 Pode ser acessado em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40501>>.

7 Pode ser acessado em: <<http://www.lume.ufrgs.br>>.

8 Mais informações em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site>>.

atividades. Nesse portal também é possível acessar as produções de sua equipe, como livros, artigos, teses, dissertações, monografias, multimídia, assim como o *Boletim Informativo*,⁹ as entrevistas do projeto Garimpendo Memórias e os livros eletrônicos da coleção Grecco,¹⁰ produzidos com o objetivo de conferir maior visibilidade e acesso ao seu acervo, potencializando dessa forma sua função política e pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua criação, o Centro de Memória do Esporte tem pautado sua atuação de modo a valorizar pessoas, grupos e instituições que construíram e constroem a história do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Brasil. Seu acervo foi se avolumando gradativamente em função de sua abrangência e diversidade, o que acabou por demandar a criação de uma política institucional de aquisição e descarte de acervos. Esse cuidado se origina da negação que por vezes é necessário fazer a quem deseja transferir ao Ceme acervos pessoais ou institucionais que apresentam materiais que fogem ao seu escopo, mesmo que relacionados ao esporte. Essa talvez seja a tarefa mais difícil de colocar em ação, pois na ânsia de querer preservar, muitas vezes acolhemos acervos, coleções e conjuntos documentais que contêm itens que carecem de descarte por se apresentarem incompletos, danificados, sem relação com as práticas corporais e esportivas ou ainda sem serem originais, como fotocópias de documentos e publicações. Escolher o que permanece e o que deve ser rejeitado é um desafio e também uma experiência inevitável para os lugares de memória que atuam na produção, guarda e divulgação de acervos esportivos.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *História oral e a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHAGAS, Mario. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 2, maio 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534/437>>. Acesso em: 15 out. 2012.

9 Publicação mensal produzida pelo Centro de Memória do Esporte desde agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/boletim>>.

10 Os primeiros títulos da coleção são: *Dança moderna: movimentos fundamentais organizados segundo os princípios da técnica de Martha Graham*, de autoria de Cecy Franck; *Lenea Gaelzer*: coletânea de textos sobre recreação e lazer, organizada por Silvana Goellner e Christiane Macedo.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Conarq). *Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes*. 2010. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/.../recomendaes_para_digitalizacao>. Acesso em: 12 abr. 2012.

CRESPO, Isabel M.; CORRÊA, Cinthia. Acesso livre à comunicação científica: a experiência do Scielo. *Revista F@ro*, n. 6, p. 1-6, 2006.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GIROUX, Henry A.; MCLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz T. da; MOREIRA, Antonio Flávio (org.). *Territórios conquistados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 144-158.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O CEMEF/UFMG: partilhando experiências, produzindo saberes, inspirando sonhos. In: LINHALES, Meily Assbú; NASCIMENTO, Adalson (org.). *Organizado arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 187-194.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (Ibict). *DSpace: repositórios digitais*. 2012. Disponível em: <<http://dspace.ibict.br>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

PATHAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RODRIGUES, Eloy. Concretizando o acesso livre à literatura científica: o repositório institucional e a política de autoarquivamento da Universidade do Minho. *Cadernos BAD*, v. 1, p. 21-33, 2005.

SILVA, Sama Elizabeth. *Aspectos de uma exposição em museu*. 2002. Disponível em: <<http://sahelizabeth.com/wp-content/uploads/eca-usp-2002/Aspectos%20de%20Uma%20Exposicao%20em%20Museu.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marco Aurélio. Renovação historiográfica na educação física brasileira. In: SOARES, C. L. (org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 35-38.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido em 22/5/2014

Aprovado em 26/5/2014